

Seminário Aberto

Hermenêutica da Literatura e Tradução

Teoria e prática a partir de exemplos
da literatura lusófona
2.3.

Hermenêutica e tradução literária: teoria e prática

[Burghard Baltrusch](#)

2021



O sistema literário segundo André Lefevere: *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame* (1992)

(1) **Professionals within the literary system:**

authors, critics and reviewers (whose comments affect the reception of a work), teachers (who often decide whether a book is studied or not) and translators themselves, who decide on the poetics and at times the ideology of the translated text.

(2) **Patronage outside the literary system:** ‘the powers (persons, institutions) that can further or hinder the reading, writing, and rewriting of literature’. Patrons may be:

- an influential and powerful individual in a given historical era (e.g. Elizabeth I in Shakespeare’s England, etc.);
- groups of people (publishers, the media, a political class or party);
- institutions which regulate the distribution of literature and literary ideas (national academies, academic journals and, above all, the educational establishment).

(a) **The ideological component:** This constrains the choice of subject and the form of its presentation. Ideology is not restricted to the political: ‘that grillwork of form, convention, and belief which orders our actions’. He sees patronage as being basically ideologically focused.

(b) **The economic component:** This concerns the payment of writers and rewriters. In the past, this was in the form of a pension or other regular emolument from a benefactor. Nowadays, it is more likely to be royalty payments and translator’s fees. Other professionals, such as critics and teachers are, of course, also paid or funded by patrons (e.g. by newspaper publishers, universities and governments).

(c) **The status component:** This occurs in many forms. In return for economic payment from a benefactor or the literary press, the beneficiary is often expected to conform to the patron’s expectations. Similarly, membership of a particular group involves behaving in a way conducive to supporting that group (e.g. the Beat poets using the City Lights bookstore in San Francisco as a meeting point in the 1950s).

O contexto tradutivo

“Translation is the most obviously recognizable type of rewriting, and . . . it is potentially the most influential because it is able to project the image of an author and/or those works beyond the boundaries of their culture of origin.” (André Lefevere 1992: 9)

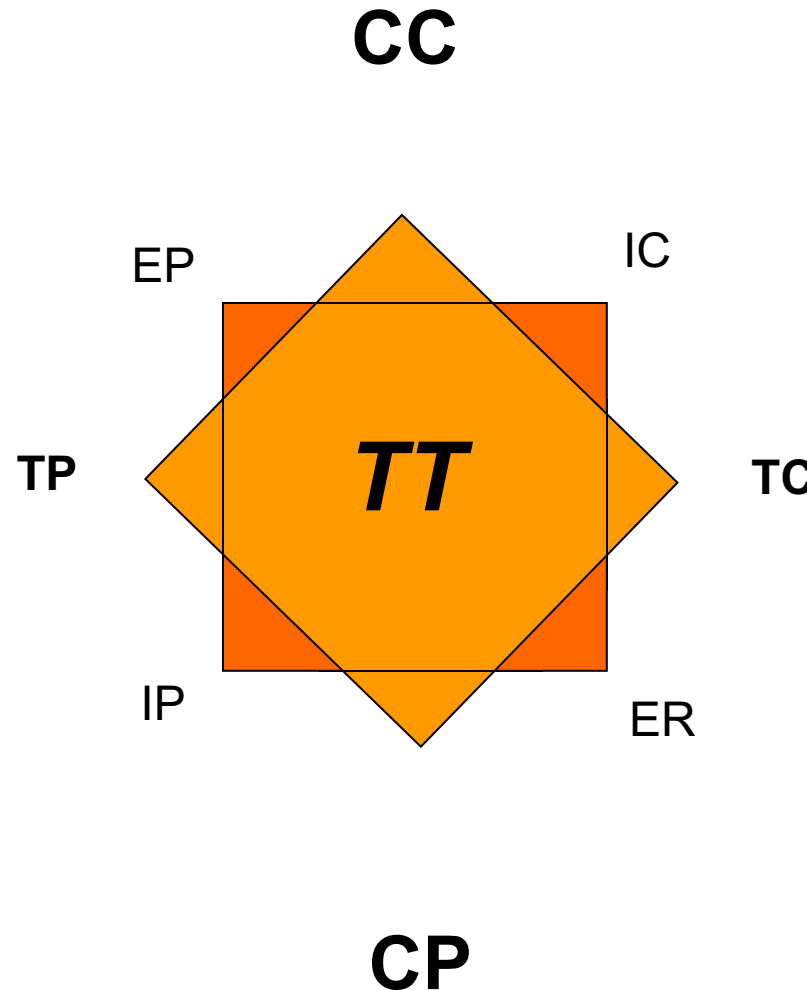
TP: Texto de partida

TC: Texto de chegada

TT: Texto em trânsito ou texto tradutivo

CP: Cultura de partida

CC: Cultura de chegada



IP: Ideologia de partida

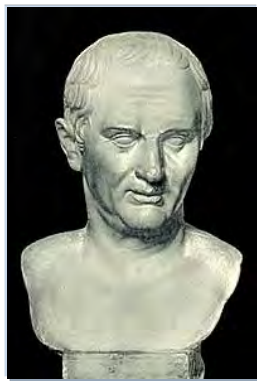
IC: Ideologia de chegada

EP: Estética de produção

ER: Estética de recepção

Tradição histórico-filológica-1

Marco Túlio Cícero (106-43 a.0)



Usou o seu conhecimento da língua Grega para traduzir muitos dos conceitos teóricos da filosofia grega ao Latim.

Tradução devia ser livre antes do que literal.

Atitude imperial romana na recepção cultural:

- Adaptação do TP à tradição da CC.
- Tradução se encontra em concorrência com o original e pretende melhorá-lo.

Esta atitude continua vigente em Quintiliano e Plínio.



Jerónimo de Strídon / São Jerónimo

Padroeiro de bibliotecários e tradutores/as.

400 d.O: *Vulgata*, trad. da Bíblia do grego e do hebraico.

"para as relações discordantes dos manuscritos, recorreremos ao original"

(Ep. 106, 2)

Para todos os textos, excepto a Bíblia, vale:

"não exprimir uma palavra pela outra, mas sim um sentido pelo outro"

("Carta a Pammachius")

Nos textos sagrados:

"até a ordem das palavras é um mistério" (i.e. uma revelação, Ep. 57, 5)

"Obrigas-me fazer de uma Obra antiga uma nova [...], porque **terei tido a audácia de acrescentar, substituir, corrigir alguma coisa** nos antigos livros?"

Um duplo motivo me consola desta acusação [de ser um sacrílego, um

falsário]. O primeiro é que vós, que **sois o soberano pontífice, me ordenais**

que o faça; o segundo é que **a verdade não poderia existir em coisas que**

divergem, mesmo quando tivessem elas por si a aprovação dos maus."

(Obras de São Jerônimo, edição dos Beneditinos, 1693, t. It. Col. 1425)

Tradição histórico-filológica-3

Martin Luther (1483-1546)



A sua tradução da Bíblia promoveu uma versão padrão da língua alemã.

Influenciou a tradução para o inglês da Bíblia do Rei James.

“Sendbrief vom Dolmetschen” (Carta sobre a tradução, 1530):

“não perguntar às letras da língua latina como se deve falar alemão, [...], mas ver como falam [as pessoas comuns] e traduzir em conformidade.”

Porém, em certos casos é preferível:

“afastar-se da língua alemã do que afastar-se da palavra [divina].”

A tradução de textos sagrados

- É possível traduzir um texto sagrado?
- O texto sagrado, é sagrado, para quem?
- Qual é o TO da Bíblia?
- Qual é a mensagem original?

"Ainsi la traduction est considérée comme une **transgression de l'interdit de communication incarné par la malédiction de Babel** que représente la diversité des langues."

(Yvonne RIALLAND, "Traduction et texte sacré")

"Medieval theologians have eliminated some of the numerous Judeo-Christian references in the Qur'an, which has been subjected to considerable alteration over the centuries.

(A. Margaret CLARKE, "The Translation of Sacred Texts")

"[The] question of taboo and heresy was raised forcibly in the modern era, in 1989, when the **interpretation of the Qur'an by Salman Rushdie in the novel The Satanic Verses was the subject of a Shi'ite fatwa,** "translated" itself by different readerships and interests; and two translators of Rushdie's work lost their lives."

(A. Margaret CLARKE, "The Translation of Sacred Texts")

Johann Gottfried von Herder (1744-1803):

- Interação entre o ser humano e os seus contextos é a condição para a variedade lingüística.
- Pensamento e forma como unidade indissolúvel.
- Impossibilidade de exprimir na LC o mesmo que na LP é um sinal de que as línguas evoluem/progressam.



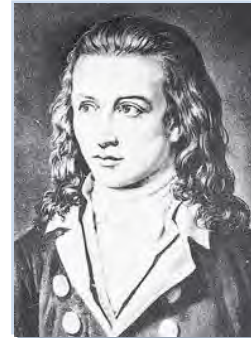
August Wilhelm von Schlegel (1767-1845):

- Problema da tradução está na diferença histórica entre TP e TC.
- Tradução nunca reproduz, só faz uma referência.
- A forma constrói o sentido: fidelidade é fundamental.



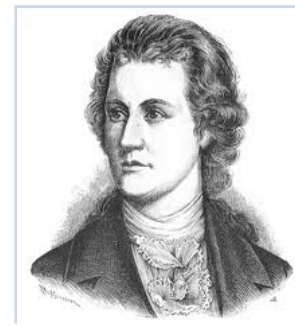
Novalis (G. F. v. Hardenberg, 1771-1801),
“Blüthenstaub-Fragment”:

“[na tradução] o tradutor faz que tanto
ele como o poeta expressem,
simultaneamente, as suas ideias”



Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832):

A melhor tradução é a versão interlinear
que procura uma identidade com o
original.



Friedrich Schleiermacher,

“Über die verschiedenen Methoden des Uebersetzens” (1813):

“Ou o tradutor procura deixar o escritor em paz e move o leitor na sua direcção; ou o tradutor procura deixar o leitor em paz e move o escritor na sua direcção.”



1ª opção: TT lê-se como um original, o que Schleiermacher considera ser uma ilusão.

2ª opção: No TT nota-se “o esforço [da trad.] e permanece uma impressão do alheio.”

(Cf. a ideia da versão interlinear de Goethe.)

Wilhelm von Humboldt (1767-1835),
prólogo à tradução do *Agamemnon*:

- A tradução nunca capta o “significado verdadeiro”.
- Razão: “nenhuma palavra de uma língua é completamente idêntica ao de outra”.
- Tradutor transmite só a sua compreensão subjectiva do TP.
- A validez da tradução é sempre restringida.



Teorias da Equivalência / Perspectivas funcionalistas

Eugene Nida (1914-2011)



“formal equivalence” vs. “dynamic equivalence”

“formal equivalence”: Reprodução fiel dos elementos formais do TO.

“dynamic equivalence”: Criar uma equivalência do efeito comunicativo do TO no TT.

- Teoria com base a um modelo linguístico próximo da gramática generativa transformacional de Noam Chomsky.
- Parte sempre do TO. Grande influência nos anos 1960-1970.

Toward a Science of Translating. With special reference to principles and procedures involved in Bible translating. Leiden: Brill 1964

Perspectivas funcionalistas: **Teoria *Skopos*** -1

- Tradução é uma actividade com propósito (*skopos*), com uma função comunicativa intencional
- Hans Vermeer: O que importa é "the intention as interpreted by the reader or analyst".
- Não parte do TO/da equivalência, mas do TT/da adequação (ao *skopos*).
- A função do *skopos* pode ser entendido de forma descritiva ou prescritiva.
- Conceito dinâmico de significado e função do texto (cf. estética da recepção).
- Relacionado com a formação de tradutoras/es e a prática profissional.
- “Lealdade” (Christiane Nord) como categoria interpessoal, uma vez que o tradutor/a media entre duas culturas e deve evitar imposições.



Hans Vermeer (1996):

“Intérpretes e tradutores (*Translatoren*) deviam conhecer as diferenças (idioculturais, diaculturais e paraculturais) do comportamento geral humano e tê-las em conta no seu trabalho (de uma maneira que se adequa ao *skopos*). Resumindo, eles deviam conhecer as ‘culturas’ que redigem e as que recebem os textos.”

Vermeer, Hans J. 1978. "Ein Rahmen für eine allgemeine Translationstheorie." *Lebende Sprachen* 23: 99-102.

Reiss, Katharina & Vermeer, Hans J. 1984. *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen: Niemeyer.

Holz-ManWiri, Justa. 1984. *Translatorisches Handeln: Theorie und Methode*. Helsinki: Suomalainen Tiedeakademia.

Perspectivas funcionalistas: **Teoria *Skopos*** -3

Exemplos de funções tradutivas (*skopoi*):

- Um/a tradutor/a recebe a encomenda de traduzir um poema para uma publicidade.
- O objectivo é aumentar o consumo de um produto.
- A tradução realizada é bem recebida nos meios literários, mas a publicidade não tem efeito.
- Conclusão: A tradução não "funciona", porque realiza uma função diferente da prevista.
- ❑ Outra tradutor/a realiza outra tradução com o mesmo objectivo inicial.
- ❑ Nos meios literários, esta não é recebida como poema válido, mas ajuda a aumentar as vendas.
- ❑ Conclusão: A tradução funciona, porque satisfaz o propósito (*skopos*) inicial.

Perspectivas funcionalistas: **Teoria *Skopos*** - 4

3 exemplos de estratégias tradutivas:

1. Um tradutor/a pretende introduzir, através da sua tradução de um romance, elementos alheios na literatura da CC.
Vai traduzir elementos idiomáticos de forma literal para chamar a atenção do público.
2. Outra tradutor/a escolhe como *skopos* transmitir ao público da CC o ideário filosófico do romance.
Escolhe uma estratégia que trata de evitar a sensação de alheamento no leitor/a, porque considera conseguir, assim, um texto mais compreensível.
3. Uma terceira tradutor/a reflecte sobre as possibilidades da tradução e pretende manter no TC a sintaxe e o número de palavras do TP.
O seu *skopos* é auto-reflexivo, está relacionado com a própria estratégia de tradução.

A teoria *Skopos* evita generalizar ou impor uma estratégia concreta para poder explicar a diversidade de fenómenos tradutivos.

Perspectivas funcionalistas:

Descriptive Translation Studies (“Manipulation School”)-1

Gideon Toury (1985):

“[translation is] any target-language utterance which is presented or regarded as such within the target culture, on whatever grounds.”

“A Rationale for Descriptive Translation Studies”, in *The Manipulation of Literature. Studies in Literary Translation*, Theo Hermans (ed.), 16-41. London/Sydney: Croom Helm.

Theo Hermans (1985):

“[...] a view of literature as a complex and dynamic system; a conviction that there should be a continual interplay between theoretical models and practical case studies; **an approach to literary translation which is descriptive, target-oriented, functional and systemic; and an interest in the norms and constraints that govern the production and reception of translations**, in the relation between translation and other types of text processing, and in the place and role of translations both within a given literature and in the interaction between literatures.”

Hermans, Theo (Hrsg.) (1985): *The Manipulation of Literature. Studies in Literary Translation*. London: Croom Helm, 10f.

Perspectivas funcionalistas: Literatura e tradução – 1

Em paralelo com Toury, Yuri Lotman (1976) desenvolve uma **perspectiva/definição relativista e funcionalista da literatura:**

“[literature is] any verbal text which is capable, within the limits of the culture in question, of fulfilling an aesthetic function can be counted as literature. [...] there is no simple, automatic relationship between the function of a text and its internal organization: the formula of the relationship between these two structural principles takes shape differently in each type of culture.”

"The Content and Structure of the Concept of 'Literature'". *PTL: a Journal for Descriptive Poetics and Theory of Literature* 1 (2): 339-356.

Perspectivas funcionalistas: **Descriptive Translation Studies-2**

- Tradução não é uma operação meramente linguística.
- Reacção contra a tendência prescritiva e prática nos ET.

Razões: As perspectivas linguística e prática não analisam o *status quo* da tradução, mas estabelecem *a priori* uma série de procedimentos tradutivos ideais.

Método empírico dos DTS (Gideon Toury):

- Observar as traduções como fenómenos históricos e culturais, com todos os seus erros e debilidades.
- O objectivo não é mudar a prática tradutiva, melhorar a crítica da tradução ou otimizar a formação.
- O objectivo é encontrar explicações como a tradução funciona na sociedade e na história.
- Perguntar, p.ex., que textos são seleccionados para e considerados como traduções na CT?
- Quem traduz, como e para que fim? Como é a recepção? Como se integra a tradução na produção de outros textos?

Toury, Gideon (1980): *In Search of a Theory of Translation*. Tel Aviv: Porter Institute, Tel Aviv University.

Toury, Gideon (1985): "A Rationale for Descriptive Translation Studies". Hermans (Hrsg.) (1985): 16-41.

Toury, Gideon (1995): *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam: Benjamins.

Perspectivas funcionalistas: **Descriptive Translation Studies-3**

Uma explicação/interpretação dos dados reunidos através dos DTS poderia ser feita a partir da

Polysystem Theory (Itamar Even-Zohar):

- Literaturas e culturas são sistemas que interagem e que estão em concorrência, com grupos diversos que procuram dominá-los.
- Nestes contendos empregam-se expressões culturais e literárias.
- Forças dicotômicas: centro/periféria, funções inovadoras/conservadoras, formas literárias conónicas/não-canónicas.
- As traduções, segundo as funções que pretendem ter, sempre serão 'manipuladas'.
- No sistema da CC encontram-se as explicações porquê certos TO são traduzidos de uma forma específica.
- Só através do TP não se pode explicar o carácter de uma tradução.

Even-Zohar, Itamar (1978): *Papers in Historical Poetics*. Tel Aviv: Porter Institute, Tel Aviv University.

Even-Zohar, Itamar (1990): "Polysystem Studies". Special issue of *Poetics Today* 11, 1.

Even-Zohar, Itamar / Toury, Gideon (1981): "Theory of Translation and Intercultural Relations". Special issue of *Poetics Today* 2, 4.

‘Manipulation theory’ (André Lefevere, 1992):

Introduz 3 categorias para a análise da tradução literária:

"poetics", "ideology" e "patronage“.

A língua seria o factor menos relevante na tradução.

O que importa na análise:

- Aceptabilidade da tradução.
- Exercício de poder através do controlo dos aspectos poetológico e ideológico.
- Tradução é uma forma de produção de textos, um *rewriting*.

Lefevere, André (Hrsg.) (1982): "The Art and Science of Translation". Special issue of *Dispositio* 7.

Lefevere, André (1992a): *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London: Routledge.

Lefevere, André (1992b): *Translating Literature: Practice and Theory in a Comparative Literature Context* New York: Modern Language Association of America.

Relações com a sociologia da cultura de Pierre Bourdieu (também com Jurij Lotman, Claudio Guillén, Siegfried J. Schmidt, Niklas Luhmann).

Perspectivas funcionalistas: **Descriptive Translation Studies** – 5

- DTS questionam o princípio da equivalência.
- Até este momento a equivalência era o objectivo da tradução e o critério para estas serem consideradas traduções na CT.
- Gideon Toury: Todo o texto que é aceite numa CT como tradução deve ser considerado como uma tradução.
- Consequência: Equivalência passa a ser uma mera etiqueta.
- A questão é agora: Em que consiste a equivalência daquilo que é geralmente aceite como tradução?

Haroldo de Campos (1929-2003)



Tradução antropofágica.

“A usurpação luciferina” da tradução.

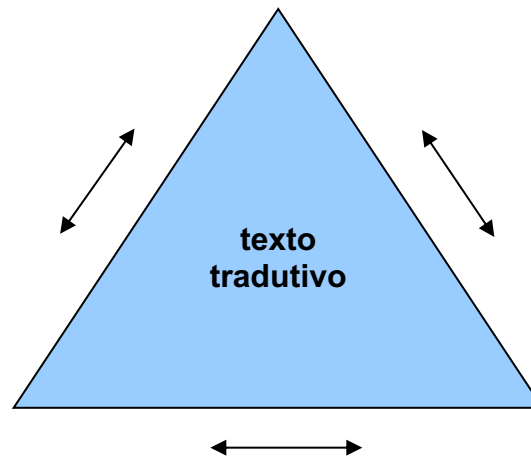
“Para além do princípio da saudade. A teoria benjaminiana da tradução” (1984):

“Ao invês de render-se ao interdito do silêncio, o tradutor-usurpador passa, por seu turno, a **ameaçar o original com a ruína da origem**. Esta, como eu a chamo, a última «hybris» do tradutor luciferino: **transformar, por um átimo, o original na tradução de sua tradução**. Reencarnar a origem e a originalidade como plagiotropia: como «movimento infinito da diferença» (Derrida); e a mimesis como produção mesma dessa diferença.”

Tradução feminista / não sexista

Modelo estético da Tradução & Paratradução

aístesis
do (con)texto



anestésica / heterotopía

estética / utopía

Definição de *paratradução* / *paratranslation* em

[http://uvigo.academia.edu/BurghardBaltrusch/Papers/448093/Translation as Aesthetic Resistance Paratranslating Walter Benjamin](http://uvigo.academia.edu/BurghardBaltrusch/Papers/448093/Translation%20as%20Aesthetic%20Resistance%20Paratranslating%20Walter%20Benjamin)

O contexto tradutivo

“Translation is the most obviously recognizable type of rewriting, and . . . it is potentially the most influential because it is able to project the image of an author and/or those works beyond the boundaries of their culture of origin.” (André Lefevere 1992: 9)

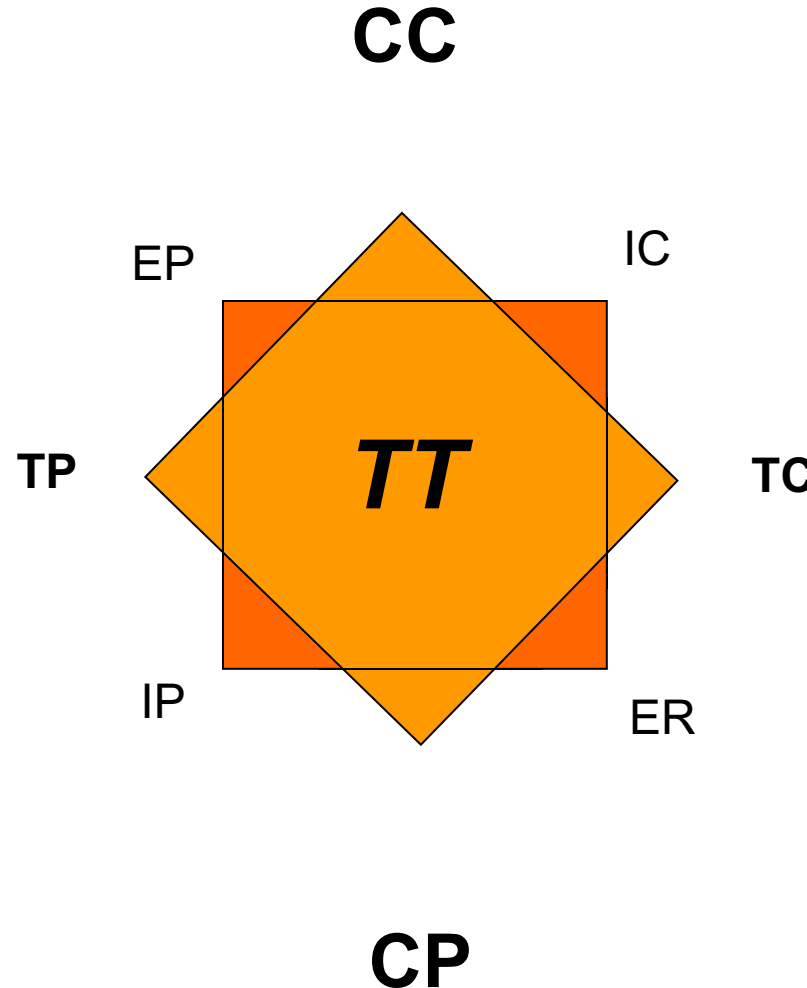
TP: Texto de partida

TC: Texto de chegada

TT: Texto em trânsito ou texto tradutivo

CP: Cultura de partida

CC: Cultura de chegada



IP: Ideologia de partida

IC: Ideologia de chegada

EP: Estética de produção

ER: Estética de recepção

Classificação de Deslocamentos numa Tradução

As definições podem variar, dependendo da perspectiva/metodologia empregada.

Conceitos habituais nos Descriptive Translation Studies.

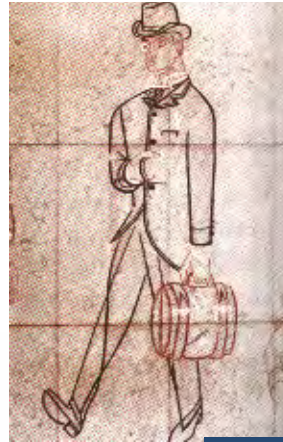
Classe	Procedimento	Valor	Intenção	
Mutação	Eliminação/Omissão (suprimir segmentos da LP, sem que haja justificação imediata)	Divergência	pragmática	
	Adição (empregar mais elementos do que na LP, sem que haja justificação imediata)			
	Substituição (mudar elementos da LP por outros que não sejam nem equivalentes ou compensatórios)			
	Deformação (mudança radical de significado)			
	Incoerência (alteração parcial de significado, sem que haja necessidade)			
[Distinção depende do método.]	Generalização (ampliar valores semânticos ou retóricos que na LP aparecem explicitados)	Obrigatoriedade	ideológico-política (p. ex.: domesticação ou estrangeirização das formas e dos conteúdos; desconstrução das meta-narrativas do TP; introdução de linguagem não-sexista, etc.)	
Modificação	Neutralização (reduzir ao máximo valores semânticos ou retóricos da LP)			
	Atenuação (disminuir valores semânticos ou retóricos da LP)			
	Intensificação (reforçar valores semânticos ou retóricos da LP)			
	Explicitação/Especificação (exprimir de maneira directa o que está implícito na LP para desfazer a ambiguidade semântica)			
	Modulação (exprimir uma ideia desde um ponto de vista diferente)			Opcionalidade (p. ex.: mudanças leves que não atingem a macroestrutura e que seriam optimizáveis)
	Equivalência (exprimir o mesmo com modalidades distintas, sobretudo quando forem de carácter idiomático)			
	Transposição (exprimir a mesma ideia com categorias distintas, sobretudo gramaticais)			Idiomaticidade
	Calco (imitar o esquema e o significado do elemento da LP, sem imitar a entidade fonética)			Literalidade
	Empréstimo (imitar o esquema, o significado e a fonética do elemento da LP)			
	Adaptação (exprimir o mesmo com elementos que se consideram ser equivalentes na CC)			etc.
	Amplificação (empregar mais elementos do que na LP para exprimir a mesma ideia)			
	Compensação (quando depois da perda irremediável de um segmento ou de uma noção se amplifica, p. ex. com uma explicitação)			



Heterónimos de Fernando Pessoa
Mural na Universidade Clássica de Lisboa realizado por Almada Negreiros



Álvaro de Campos



Ricardo Reis

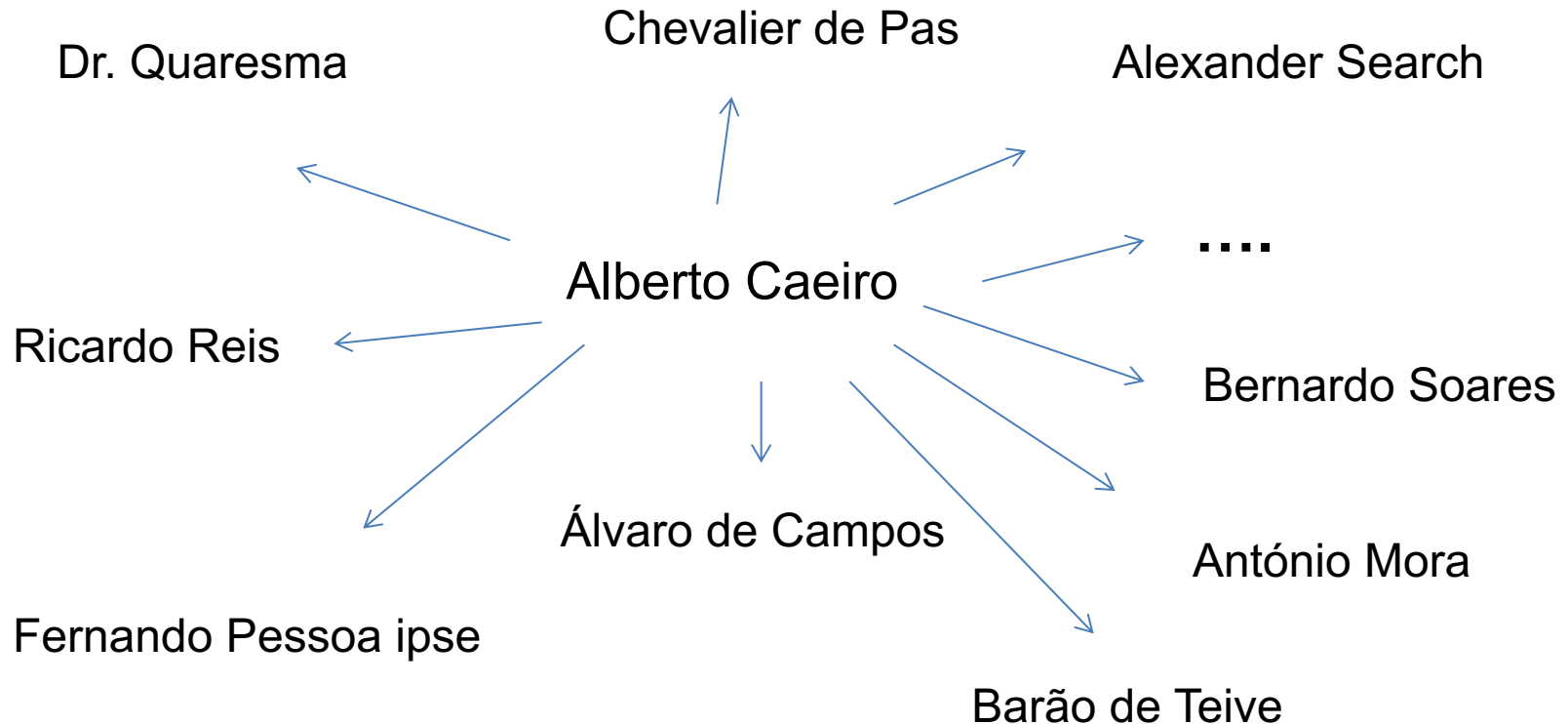


Alberto Caeiro

Heteronímia

“Só tem o direito ou o dever de exprimir o que sente, em arte, o indivíduo que sente por vários. [...] O que é preciso é o artista que sinta por um certo número de Outros, todos diferentes uns dos outros, uns do passado, outros do presente, outros do futuro. [...] Nenhum artista deverá ter só uma personalidade.”

(Álvaro de Campos, *Portugal Futurista*, 1917)

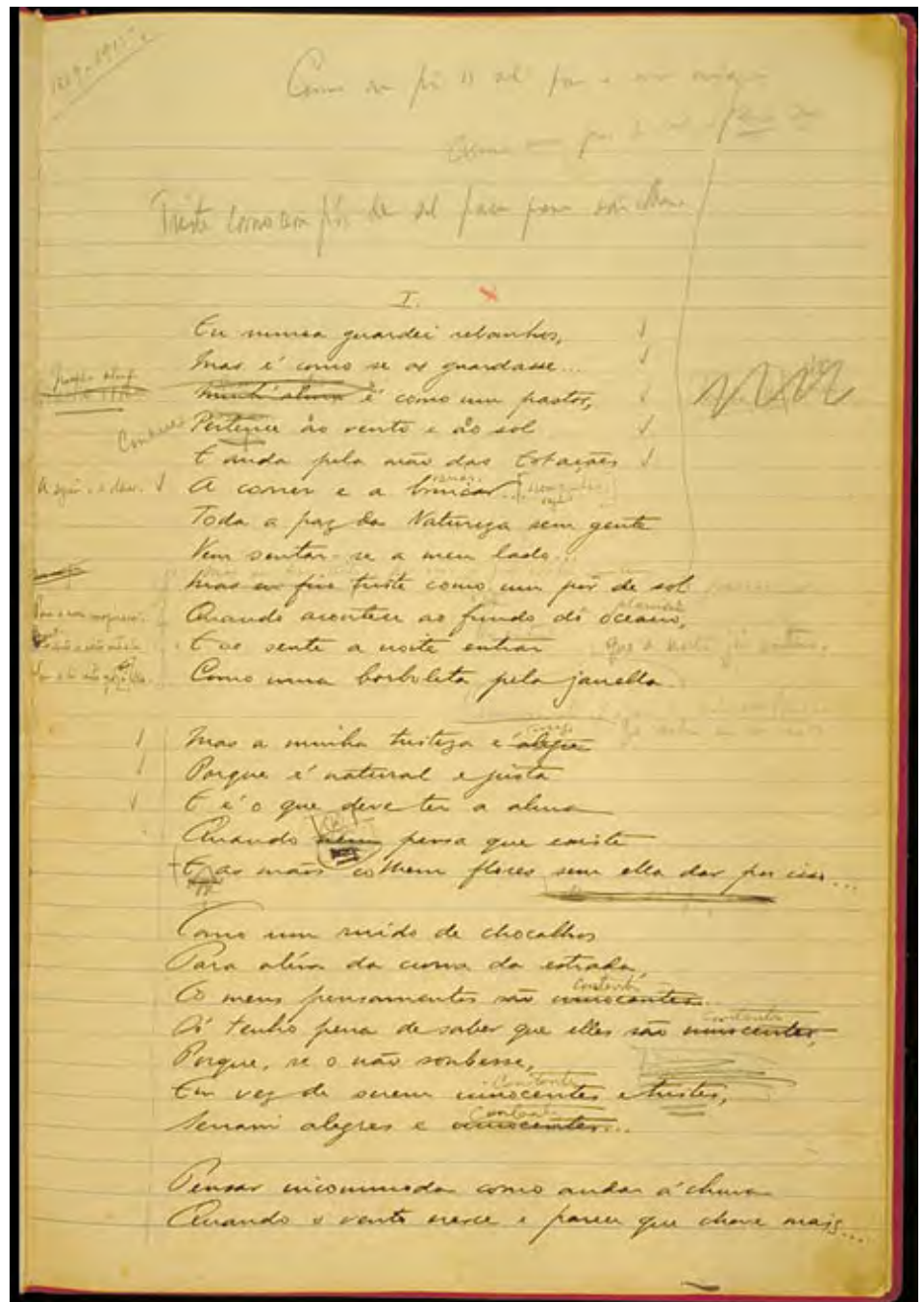


Alberto Caeiro (1889-1915)

- O Mestre, inclusive do Pessoa ortónimo.
- Nasceu em Vigo e morreu em Lisboa, tuberculoso, em 1915.
- Há, contudo, poemas de Caeiro datados de 1930.
- A sua vida decorre numa quinta no Ribatejo.
- Obras: *O Guardador de Rebanhos* (49 poemas), *O Pastor Amoroso* (6) e *Poemas Inconjuntos*.
- 23 poemas foram publicados em vida nas revistas *Athena* e *Presença*.
- Sem profissão e pouco instruído («escrevendo mal o português»).
- Era, segundo ele próprio, «o único poeta da natureza».
- Procura viver a exterioridade das sensações e recusa a metafísica, caracterizando-se por um panteísmo e um sensacionismo que, de modo diferente, Álvaro de Campos e Ricardo Reis iriam assimilar.

Espólio de Fernando Pessoa
Na Biblioteca Nacional

http://purl.pt/1000/1/alberto-caeiro/obras/bn-acpc-e-e3/bn-acpc-e-e3_item302/index.html



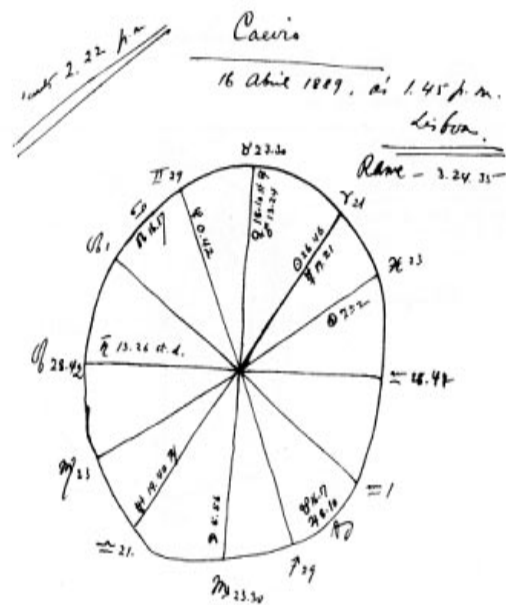
XLVII

Num dia excessivamente nítido,
Dia em que dava a vontade de ter trabalhado muito
Para nele não trabalhar nada,
Entrevi, como numa estrada por entre as árvores,
O que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério de que os poetas falsos falam.

Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas ideias.

A Natureza é partes sem um todo.
Isso é talvez o tal mistério de que falam.

Foi isto o que sem pensar nem parar,
Acertei que devia ser a verdade
Que todos andam a achar e que não acham,
E que só eu, porque a não fui achar, achei.



1915 comp. t. 12 Anon.
Lisboa - Lisboa - Lisboa (Lisboa)



Querela dos universais

Questão que surge na escolástica medieval

Consequência do Neoplatonismo

Têm os conceitos gerais (universais) um ser próprio?

- Ser = predicador (o que se declara na oração sobre um sujeito)
- Ser mais completo = Deus (prova da existência de Deus por Anselmo de Canterbury, 1033-1109)

Platão: quanto mais geral, mais real

Aristóteles: “As coisas não podem ser predicadas” (não se pode enunciar nada ao seu respeito que seja verdade absoluta) = origem da Querela dos Universais

Querela dos universais

Neoplatonismo

Realismo dos universais
(posição idealista)

universalia ante rem

(o geral = pensamento de Deus
existe independente e
anteriormente às coisas)

universalia in re

Nominalismo

Nominalismo dos universais
(posição positivista)

universalia post rem

(universais = processo de
diferenciação aplicado às coisas
pelo pensamento a través do
terminus)

universalia in intellectu

Nominalismo

Está na origem do empirismo e do materialismo.

John Locke (1632-1704): “nihil est in intellectu, quod non sit prius in sensu” (processo de conhecimento independente da língua)

G. Berkeley (1685-1753): “esse est percipi” (processo ontológico começa na sensação)

Nominalismo

Renasce na filosofia da linguagem contemporânea:

W. von Humboldt (1767-1835): Cada língua representa uma percepção específica do mundo.

Edward Sapir (1884-1939) / James L. Whorf (1897-1941),
“hipótese da relatividade linguística” ou “hipótese Sapir / Whorf”:

“Pessoas que empregam línguas com gramáticas muito diferenciadas são induzidas por estas gramáticas a valorar de maneira diferente observações exteriormente semelhantes. Por isso, não são observadores equivalentes, mas chegam a opiniões diferentes acerca do mundo.”

[...]

**Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas ideias.**

Aristóteles: «as coisas
não podem ser
predicadas»
universalia post rem

universalia in intellectu

**A Natureza é partes sem um todo.
Isso é talvez o tal mistério de que falamos.**

**Foi isto o que sem pensar nem parar,
Acertei que devia ser a verdade
Que todos andam a achar e que não acham,
E que só eu, porque a não fui achar, achei.**

Aísthesis (αἴσθησις),
percepção primordial dos
sentidos

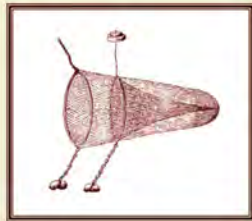
estética = 'o caminho é
a meta'

Little theatres
(Teatrillos)

OR/OU
ATURUXOS CALADOS

poems/poemas
POR
ERÍN MOURE

with quotes from
ELISA SAMPENIN
on Little Theatres



Lupe Gómez
Camouflage
translated from Galician by
Erín Moure



SECESSION
by Chus Pato
with
INSECESSION
by Erín Moure

Sheep's Vigil

by a Fervent Person



E I R I N M O U R E

A Translation

Toronto: Anansi, 2001

*These are bad sheep.
They never listen.
Every day it's the same thing.
Bad, bad sheep.*

— pastor de Turre, Almería,
in the dry riverbed of the
Río das Aguas, 1999

*I must admit, the thought of you in the traffic on
Vaughan Road, listening for creeks in manholes, is
pretty funny.*

— Ken Mouré
letter, April 3, 2000

*Quando estou muito triste, leio Caeiro e é uma brisa.
— Álvaro de Campos
Notas para a Recordação do meu
Mestre Caeiro*

.....

*O idioma é unha obra de arte feita con amor, con dor
et con ledicia polos nosos antergos que nós témo-la
obriga de adaptala ás características do noso tempo.*

— Castelao

Tradutora cria um heterónimo próprio, (re)galeguizando o seu nome: Eirin Moure < Erin Mouré

“Trans-e-lations. Trans-eirin-lations. Transcreations”
(Prólogo, ix)

Não pretende ser criação poética mas tradução:

"uma vez que conserva a estrutura do texto original e não se teria podido criar sem ele. O **texto original foi o seu impulsor e não impediu o trabalho; ao contrário: intensificou-o, fortaleceu-o**"

(Moure in [Viceversa 6, 2001](#))

O 'e' que se intromete em 'paratranslation':

- Elemento dinâmico.
- Carácter de trânsito.
- Momento preciso de criação, transcrição.

Intervenção revela tempo, lugar e outras condições do sujeito tradutor:

"I translated Pessoa by responding to him as a person. [...] Besides, I was afraid of responding to the context of what I'd already done, and I wanted to respond only to the Pessoa lines, **using the context of my own corporeal position in the world** of mid-town Toronto north of Vaughan Road."
(in *Viceversa* 6, 2001).

Tradutora = (co-)autora

Apropria-se do texto original ao aproximá-lo da sua realidade subjectiva e geográfica.

Canibaliza literariamente o TO ao acrescentar à sua tradução momentos e tons de diálogo irónico, intervenções tanto reflexivas como crítico-subjectivas (cf. poetas concretistas brasileiros).

XXXIX

[...]

Porque o único sentido oculto das coisas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos
Que as coisas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.

For the one hidden meaning of things
is there's no hidden meaning,
And this is more strange than all strangeness
And all the dreams of poets
And the thoughts of philosophers;
Do we need a concept just yet, Mr. Derrida,
Can you wait one minute,
While things are really what they seem to be
And understanding is so direct, I can just fake it.

(98-99)

XLVII

Num dia excessivamente nítido,
Dia em que dava a vontade de ter trabalhado muito
Para nele não trabalhar nada,
Entrevi, como numa estrada por entre as árvores,
O que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério de que os poetas falsos falam.

Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas ideias.

A Natureza é partes sem um todo.
Isso é talvez o tal mistério de que falam.

Foi isto o que sem pensar nem parar,
Acertei que devia ser a verdade
Que todos andam a achar e que não acham,
E que só eu, porque a não fui achar, achei.

Richard Zenith:

On an incredibly clear day,
The kind when you wish you'd done lots of work
So that you wouldn't have to work that day,
I saw – as if spotting a road through the trees –
What may well be the Great Secret,
That Great Mystery the false poets speak of.

I saw that there is no Nature,
That Nature doesn't exist,
That there are hills, valleys and plains,
That there are trees, flowers and grass,
That there are rivers and stones,
But that there is no whole to which all this belongs,
That a true and real ensemble
Is a disease of our own ideas.

Nature is parts without a whole.
This is perhaps the mystery they speak of.

This is what, without thinking or pausing,
I realized must be the truth
That everyone tries to find but doesn't find
And that I alone found, because I didn't try to find it.

From: *Fernando Pessoa & Co. – Selected Poems*
New York: Grove Press 1998

XLVII

Num dia excessivamente nítido,
Dia em que dava a vontade de ter trabalhado muito
Para nele não trabalhar nada,
Entrevi, como numa estrada por entre as árvores,
O que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério de que os poetas falsos falam.

Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas ideias.

A Natureza é partes sem um todo.
Isso é talvez o tal mistério de que falam.

Foi isto o que sem pensar nem parar,
Acertei que devia ser a verdade
Que todos andam a achar e que não acham,
E que só eu, porque a não fui achar, achei.

Erín Moure:

XLVII **On one of those crazy clear days**

On one of those crazy clear days
A day that makes you wish you'd laboured intensely - yesterday -
order to have skipped out today,
I glimpsed, like seeing the street from between the creek trees,
What you might call the Big Secret,
That great mystery the safe poets write about endlessly.

I saw that there is no Nature,
That Nature does not exist,
That there are mountains, ravines, prairies,
That there are trees, flowers, grasses,
rivers and stones,
But no Great All unites them,
When we see a conjunction we think is real, we believe in:
Ah we spend too much time
with our heads addled.

Nature is fragments without a whole.
That's the great mystery.

Without stopping to think at all
This came to me as true,
suddenly, in the green blur ...
Then I put my glasses on, realized
Everyone else is off to work, and the trees are bent down by wind,
Even the cats are gone, I'm alone in the neighbourhood.

Erín Moure:

On one of those crazy clear days

A day that makes you wish you'd laboured intensely - yesterday -
In order to have skipped out today,
I glimpsed, like seeing the street from between the creek trees,
What you might call the Big Secret,
That great mystery the safe poets write about endlessly.

I saw that there is no Nature,
That Nature does not exist,
That there are mountains, ravines, prairies,
That there are trees, flowers, grasses,
rivers and stones,
But no Great All unites them,
When we see a conjunction we think is real, we believe in:
Ah we spend too much time
with our heads addled.

Nature is fragments without a whole.
That's the great mystery.

Without stopping to think at all
This came to me as true,
suddenly, in the green blur ...
Then I put my glasses on, realized
Everyone else is off to work, and the trees are bent down by wind,
Even the cats are gone, I'm alone in the neighbourhood.

Richard Zenith:

On an incredibly clear day,
The kind when you wish you'd done lots of work
So that you wouldn't have to work that day,
I saw – as if spotting a road through the trees –
What may well be the Great Secret,
That Great Mystery the false poets speak of.

I saw that there is no Nature,
That Nature doesn't exist,
That there are hills, valleys and plains,
That there are trees, flowers and grass,
That there are rivers and stones,
But that there is no whole to which all this belongs,
That a true and real ensemble
Is a disease of our own ideas.

Nature is parts without a whole.
This is perhaps the mystery they speak of.

This is what, without thinking or pausing,
I realized must be the truth
That everyone tries to find but doesn't find
And that I alone found, because I didn't try to find it.

From: *Fernando Pessoa & Co. – Selected Poems*
New York: Grove Press 1998

Albero Caeiro (Fernando Pessoa) XLVII

**Num dia excessivamente nítido,
Dia em que dava a vontade de ter trabalhado muito
Para nele não trabalhar nada,
Entrevi, como numa estrada por entre as árvores,
O que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério de que os poetas falsos falam.**

**Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas ideias.**

**A Natureza é partes sem um todo.
Isso é talvez o tal mistério de que falam.**

**Foi isto o que sem pensar nem parar,
Acertei que devia ser a verdade
Que todos andam a achar e que não acham,
E que só eu, porque a não fui achar, achei.**

In Poemas de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993).

Richard Zenith

On an incredibly clear day,
The kind when you wish you'd done lots of work
So that you wouldn't have to work that day,
I saw – as if spotting a road through the trees –
What may well be the Great Secret,
That Great Mystery the false poets speak of.

I saw that there is no Nature,
That Nature doesn't exist,
That there are hills, valleys and plains,
That there are trees, flowers and grass,
That there are rivers and stones,
But that there is no whole to which all this belongs,
That a true and real ensemble
Is a disease of our own ideas.

Nature is parts without a whole.
This is perhaps the mystery they speak of.

This is what, without thinking or pausing,
I realized must be the truth
That everyone tries to find but doesn't find
And that I alone found, because I didn't try to find it.

http://www.poetryinternational.org/piw/cms/cms_module/index.php?obi_id=7058
From: Fernando Pessoa & Co. – Selected Poems, New York: Grove Press 1998

Eirin Moure

On one of those crazy clear days
A day that makes you wish you'd laboured intensely - yesterday -
In order to have skipped out today,
I glimpsed, like seeing the street from between the creek trees,
What you might call the Big Secret,
That great mystery the safe poets write about endlessly.

I saw that there is no Nature,
That Nature does not exist,
That there are mountains, ravines, prairies,
That there are trees, flowers, grasses,
rivers and stones,
But no Great All unites them,
When we see a conjunction we think is real, we believe in:
Ah we spend too much time
with our heads addled.

Nature is fragments without a whole.
That's the great mystery.

Without stopping to think at all
This came to me as true,
suddenly, in the green blur ...
Then I put my glasses on, realized
Everyone else is off to work, and the trees are bent down by
wind,
Even the cats are gone, I'm alone in the neighbourhood.

Eirin Moure: Sheep's Vigil by a Fervent Person – A Transelation, Toronto: Anansi 2001

IX

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

IX Hey, these are my sheep

I've got an entire flock of cats out my door now.
The flock is my thoughts
And my thoughts, all of them, are sensations.
I think with my eyes, with my ears too,
And with my hands and feet
And with my mouth and nose.

To think a flower is to see and smell it.
There might never be another day like this one!
I eat fruit with respect; it teaches me meaning.

As such, when on a hot day
I feel let down a bit from enjoying such pleasure
And lie out with the hot cats on the lawn,
my eyes shut, they're hot too,
I feel all my body unloosed from reality,
It's so hot out,
And I know truth then, or call it that, it gives me such felicity.

x

«Olá, guardador de rebanhos,
Aí à beira da estrada,
Que te diz o vento que passa?»

«Que é vento, e que passa,
E que já passou antes,
E que passará depois.
E a ti o que te diz?»

«Muita coisa mais do que isso,
Fala-me de muitas outras coisas.
De memórias e de saudades
E de coisas que nunca foram.»

«Nunca ouviste passar o vento.
O vento só fala do vento,
O que lhe ouviste foi mentira,
E a mentira está em ti.»

x “Hey there, you sheepish girl, in your sheep coat”

“Hey there, you sheepish girl, in your sheep coat
On the north side of St. Clair Avenue,
What’s that cold wind say to you?”

“That it’s wind and it blows,
And it blew past before
And will pass again.
You think it talks to you?”

“It tells me a whole lot more,
It talks to me of such amazements.
Of memories and longings,
And dreams that were but dreams.”

“Ah you must be from south of St. Clair.
The wind only talks of wind.
What you heard it say to you were lies
and, now, the lie’s in you...”

Explicitações e actualizações da obra e do contexto de Pessoa/Caeiro.
Acrescenta-se também uma dimensão translinguística.

XXIV

O que nós vemos das coisas são as coisas.
Porque veríamos nós uma coisa se houvesse outra?
Porque é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê,
Nem ver quando se pensa.

Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma sequestração na liberdade daquele convento
De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas
E as flores as penitentes convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
Nem as flores senão flores,
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.

XXIV What we see of things are things

What we see of things are things.
Why would we see a *chose* if it were otherwise?
Why would sight and hearing play us tricks
If sight and hearing are sight and hearing?

The hard bit is to know how to see,
Know how to see without plunging into thought,
Know how to see when the visible beckons
And not think when the visible beckons,
Nor see when thinking.

But this (sad the way we cloak our souls!)
This requires relentless study
A learning to unlearn
And finding freedom from that convent, *school*,
In which the poets say that high-lit stars are nuns forever
And flowers are its penitents, contrite each single day,
But where in fact, if they'd just look, stars are only stars,
and flowers just flowers,
Hey Virgil, where's your hat in that hot sun,
Let's call a spade a spade, a star a star, creeks creeks and flowers –
Well, let's call them *flores*...

XXVII

Só a natureza é divina, e ela não é divina...

Se falo dela como de um ente
É que para falar dela preciso usar da linguagem dos homens
Que dá personalidade às coisas,
E impõe nome às coisas.

Mas as coisas não têm nome nem personalidade:
Existem, e o céu é grande e a terra larga,
E o nosso coração do tamanho de um punho fechado...

Bendito seja eu por tudo quanto não sei.
Gozo tudo isso como quem sabe que há o Sol.

xxvii Only Nature is divine, and she's a girl...

Only Nature is divine, and she's not divine...

That I talk of her as of a being
Just means I'm stuck with human language
Which gives *coisas* personalities,
and imposes names on *choses*.
But *chose* or *coisa* have no name or personality
and no passport,
They exist, and the sky is vast and earth rolls out forever,
and our heart is fist-size...

You can bet I'm lucky for all I don't know
I fall into happiness like one who knows there is a sun!

xxx

Se quiserem que eu tenha um misticismo, está bem, tenho-o.
Sou místico, mas só com o corpo.
A minha alma é simples e não pensa.

O meu misticismo é não querer saber.
É viver e não pensar nisso.

Não sei o que é a Natureza: canto-a.
Vivo no cimo dum outeiro
Numa casa caiada e sozinha,
E essa é a minha definição.

xxx So I'm a mystic. And then?

If they accuse me of mysticism, alright, I'm guilty.
I'm a mystic. Now do you feel better?
But it's only an act of the body.
My soul is simple and doesn't think at all.

My mysticism is in not wanting to know.
It lives without thinking about living.

I don't know what Nature is; I just go on about it.
I live where Winnett bends almost double, a little valley,
In a brick house, half a duplex in fact,
built by a man who lost his son at Teruel.
The neighbour beside me throws lasagna to the crows.
There. That's how you can define me.

”Using the context of my own corporeal position in the world”

A imediatez da experiência pessoal é o que Mouré acrescentou à sua tradução.

Uso crítico dos contextos:

- Destacar a importância da experiência na relação entre línguas e culturas
- Marcar o momento de desterritorialização do sujeito, implícita em toda a tradução.

Dimensão alostática dos processos tradutivos:

- Constantes fricções que, numa alternância contínua entre equilíbrios e desequilíbrios, acompanham todas as transformações culturais.

Resistência estética:

- Tentativa de superar a divisão entre experiência e linguagem, entre fenómeno e semiótica.
- Actualização, explicitação, subjectivização ou intervenção crítica são "strategic essentialisms" (Gayatri Spivak).
- Tradução pode fazer com que a estética não seja só ferramenta do conhecimento dos processos culturais mas também instrumento de intervenção político-cultural (cf, tradução feminista / não-sexista).

Cf. https://www.academia.edu/460634/Translation_as_Aesthetic_Resistance_Paratranslating_Walter_Benjamin